

O DIALÉTICO E A DEFINIÇÃO DO BEM EM PLATÃO

Marcelo Perine*

Resumo: Em República, VII, 534 B-D, Platão apresenta uma definição do dialético, que se aplica também ao Bem. O texto levanta dois problemas: 1) Como pensar a ascensão dialética para alcançar a Idéia do Bem? 2) A passagem exigir uma definição do Bem que, contudo, não é dada. Considerando que as “doutrinas não escritas” giravam em torno do problema do Bem, e que os cursos orais ministrados por Platão tinham o título “Sobre o Bem” (Peri tagathou), a presente reflexão pretende mostrar, na perspectiva da Escola platônica de Tübingen-Milão, os nexos entre o ensinamento oral de Platão e o conteúdo desta passagem do livro VII da República, que contém o que de mais pormenorizado Platão confiou aos escritos a respeito da essência do Bem.

Palavras-chave: Dialética, bem, idéias, doutrinas não escritas, uno.

Abstract: In Republic, VII, 534 B-D, Plato presents a definition of the dialectician which also applies to the good. The text raises two problems: 1) How can the Idea of the Good be reached through dialectical thinking? 2) The passage requires a definition of the Good which, however, is not given. Considering that the “unwritten doctrines” revolved around the issue of the Good and that Plato’s oral lectures were entitled “On the Good”

* * Professor Associado da PUC-SP e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Artigo submetido a avaliação no dia 07/08/2007 e aprovado para publicação no dia 10/10/2007.

(Peri tagathou), the present reflection, following the Milan-Tübingen-School of Plato interpretation, intends to show the links between Plato's oral teaching and the contents of Republic, VII, 534 B-D which reveal in great detail what Plato had to say about the essence of the Good.

Keywords: Dialectic, the good, Ideas, unwritten doctrines, the one.

1. Posição do problema

Para os intérpretes da Escola Platônica de Tübingen-Milão, o núcleo de doutrinas que Platão reservou para o ensinamento oral no interior da Academia poderia remontar aos anos sessenta do século IV ou, até mesmo, ao período final da longa composição da República, em meados dos anos setenta¹. Isso indica a existência de nexos estruturais entre o conteúdo das doutrinas não escritas e algumas das questões fundamentais tratadas ou aludidas na República, como as relativas à ciência do movimento (530 D 1), à essência da alma (435 C; 611 B-C) e, particularmente, as referências à essência do Bem nos livros VI e VII e suas relações com a dialética².

Independentemente das posições da Escola de Tübingen-Milão, para todas as leituras de Platão uma das questões mais espinhosas dos livros centrais da República é o de como se chega ao conhecimento da Idéia do Bem e, portanto, se e como se pode defini-la³. O que pretendo mostrar, tomando como referência a perspectiva interpretativa da Escola de Tübingen-Milão, é que na passagem de República, 534 B-D, Platão oferece elementos suficientes para saber ou, pelo menos, intuir, como nas suas lições orais ele apresentava a ascensão dialética para a Idéia do Bem, conjugando o méto-

¹ Sobre a data da composição da República, ver: VEGETTI, M., Guida alla lettura della Repubblica di Platone, Roma-Bari: Laterza, 1999, pp. 3-5.

² Sobre as relações entre os grandes problemas metafísicos da República e as doutrinas não escritas ver: REALE, G., Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "Doutrinas não-escritas", trad. M. Perine, São Paulo: Loyola, 1997 (2ª ed. 2002), pp. 241-274. Ver também: KRÄMER, H., Dialettica e definizione del Bene in Platone. Interpretazione e commentario storico-filosofico di Repubblica VII 534 B 3 – D 2, trad. E. Peroli, Introd. G. Reale Milano: Vita e Pensiero, 1989, pp. 31s.; MIGLIORI, M., Sul Bene. Materiali per una lettura unitaria dei dialoghi e delle testimonianze indirette., In: REALE, G.; SCOLNICOV, S. (Eds.), New Images of Plato. Dialogues on the Idea of the Good, Sankt Augustin: Academia Verlag, 2002, pp. 114-149.

³ Ver, por exemplo: SZLEZÁK, Th. A., Die Idee des Guten als arche in Platons Politeia, in: New Images of Plato, op. cit., pp. 49-68 (trad. espanhola em: GUTIÉRREZ, R. (Ed.), Los símiles de la República VI-VII de Platón, Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2003, pp. 87-105, também publicado em italiano em: SZLEZÁK, Th. A., La Repubblica di Platone. I libri centrali, ed. por M. Migliori e C. Danani, Brescia: Morcelliana, 2003, pp. 163-188).

do generalizante, de origem socrática, com o método elementarizante, de origem pitagórica, e, ao mesmo tempo, como a definição da Idéia do Bem se alcançava pela recondução de todas as coisas ao princípio de tudo, que, nas doutrinas não escritas era identificado com o Uno, medida perfeitíssima de todas as coisas⁴.

2. O texto de República, 534 B-D

A passagem em questão é breve, mas extremamente difícil pela sua densidade e pelo contexto no qual ela se insere. Ela aparece no interior de um compacto desenvolvimento que vai de 531 C a 535 A, no qual Platão apresenta a dialética como coroamento da educação do filósofo, em três momentos articulados. Em primeiro lugar, recupera brevemente a idéia de que as ciências são uma preparação à dialética (531 C–532 D); em seguida afirma que só a dialética conduz ao repouso da viagem e ao termo da peregrinação em busca da essência das coisas (532 D–533 C), e, finalmente, num compacto raciocínio (533 C–535 A), no qual recapitula os tipos de conhecimento apresentados no símile da linha, apresenta o método dialético como o único que, pela destruição das hipóteses, atinge diretamente o princípio. O dialético é definido como aquele que tem inteligência das coisas justamente porque sabe dar conta da essência de cada uma delas, e essa mesma relação de inteligência das coisas é afirmada com relação ao Bem.

As duas traduções mais difundidas do texto em português, a de Carlos Alberto Nunes⁵ e a de Maria Helena da Rocha Pereira⁶, fundamentalmente corretas na sua literalidade, deixam escapar algumas nuances significativas para a perspectiva de interpretação aqui assumida. Proponho a seguinte tradução:

Não chamas dialético quem sabe dar razão da essência de cada coisa? E quem não é capaz disso, na medida em que não sabe dar conta nem a si nem aos outros, não dirás que disso não tem inteligência?

Como poderei dizê-lo?

E o mesmo vale com relação ao Bem: quem não é capaz de definir a Idéia do Bem com raciocínio, abstraindo-a de todas as outras, e, como numa batalha, passando por todas as provas, desejando prová-la não segundo a

⁴ Esta seria, segundo o testemunho de Aristóteles no diálogo Político, do qual nos restaram apenas fragmentos, a definição platônica do Bem no ensinamento oral. Cf. ARISTÓTELES, Político, Fr. 2 Ross: πάντων γὰρ ακριβέστατον μέτρον τὰγαθόν εστιν.

⁵ PLATÃO, Diálogos. A República (ou: sobre a Justiça, Gênero Político), trad. C. A. Nunes, 3ª ed. revisada, Belém: Editora Universitária, 2000.

⁶ PLATÃO, A República, Introd., trad. e notas M. H. da Rocha Pereira, 7ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

opinião, mas segundo a essência, não enfrente essas coisas com um raciocínio inabalável, não dirás que quem se encontra nessas condições não conhece nem o Bem em si, nem qualquer outro bem, mas mesmo que dele capte alguma imagem, não dirás que a capta com a opinião e não com a ciência, de modo que, dormindo e sonhando nesta vida, antes mesmo de aqui despertar, completará o seu sono ao descer ao Hades?

Por Zeus, certamente direi tudo isso!⁷

3. O subtexto do texto

Três aspectos devem ser destacados nessa passagem. Em primeiro lugar, Platão fala claramente da relação da dialética com o Bem; em seguida, sugere que se possa ter dele uma compreensão inteligível e, finalmente, afirma que se pode dar uma definição discursiva do Bem, separando a sua Idéia de todo o resto. Alguns elementos textuais confirmam esses aspectos.

a) O termo *dialektikón* remete sempre em Platão a uma compreensão da *dialektiké* como o percurso (*méthodos*) do diálogo e, pelo menos a partir do *Fédon*, se refere exclusivamente às essências (*ousiai*) e às idéias (*eide*).

b) As expressões *lógon tes ousías* e *lógon didónai* apontam para o ato discursivo de dar as razões de algo e, portanto, para a determinação ou definição de sua essência.

c) O termo *nous* aponta para o fim ou para o resultado do percurso dialético: quem não pode definir discursivamente algo não tem dele nenhuma inteligência.

d) Afirmar que essa definição do dialético vale com relação ao Bem significa que o *agathón* é o fim do percurso discursivo que determina a sua essência e permite a sua captação inteligível.

⁷ [534 B] — ἡ δὲ δίαλεκτικὸν καὶ εἰς τὸν λόγον ἐκαστοῦ λμβαίνοντα τῆς οὐσίας; καὶ τὸν μὴ ἐκόντα, καὶ ὅσον αὐτὸ μὴ ἐκὼν ὄγον αὐτῶν τε καὶ αὐτῶν δίδοναι, κατα΄ ἑαυτὸν νοῦν περι΄ τουτοῦ οὐ φησεῖ εἶναι;

- *pwj gak ah, hhd of, faihn;*

- *oukoum kai peritoutou agagou=ws autwj: of ah mh ekh diorisasqai tw agw apotw a llwn pahtwn afel wn thh [534 C] tou=agagou=i dean, kai w sper eh maxh? dia pahtwn e legxwn dieciwn, mh kata doctan alla kat ousian proqumoumenoj e legxein. eh pasi toutoj aptw ei tw agw? diaporeuhtai, oute auto to agaqon fhseij eidehai ton outwj ekonta oute allo agaqon ou deh, all ei ph? ei? lw ou tinoj ef aptetai, doch? ouk episthnh? ef aptesqai, kai ton num bion o neiropol outa kai upnwtonta, prih eh qad e?egresqai, ei? Aidou [534 D] proteron afikomenon telewj epikatadarqeih;*

- *nh? ton Dia, hhd of, sfodra ge pahta taua fhsw.*

Discuti a tradução com o Prof. Dr. José Gabriel Trindade Santos, da UFPB, a quem agradeço os preciosos esclarecimentos.

As três primeiras observações sobre o texto não apresentam maiores problemas para qualquer perspectiva interpretativa que se adote. A quarta observação é, ao mesmo tempo, a mais controvertida e a que apresenta o maior interesse para a interpretação segundo os cânones da Escola de Tübingen-Milão.

De acordo com a leitura de Krämer, o termo chave da passagem é *áphelon*, do verbo *aphairéo*, que em Platão tem um tríplice sentido: 1) o de simples subtração ou separação, no sentido de privação⁸; 2) o de subtração referido às relações quantitativas⁹, e, 3) o de separação e isolamento dieirético-abstrativo de um eidos de todos os outros, “que prepara a determinação definidora no sistema de relação dos gêneros”¹⁰. No ensinamento oral de Platão, esse processo de separação e isolamento correspondia ao duplo percurso pelo qual tudo era conduzido aos princípios, a saber, o percurso generalizante e o percurso elementarizante¹¹.

O percurso elementarizante, orientado pelo modelo da matemática, reduzia tudo, pela decomposição em partes sempre menores, aos seus elementos últimos e mais simples, e o percurso generalizante, de origem socrática, subia do particular ao sempre mais geral, e referia-se à esfera dos universais em sentido estrito, sobretudo às Idéias de identidade, igualdade, semelhança e os seus contrários. Essas Idéias estão, com relação aos princípios, na mesma relação que as espécies mantêm com os gêneros, na medida em que, por exemplo, identidade e semelhança são espécies da unidade, diferença e dessemelhança são espécies da multiplicidade¹². Esses dois percursos tinham o mesmo peso para Platão, como procedimentos

⁸ Por exemplo *Lisis*, 221E; *Hípias Maior*, 298 E; *Górgias*, 457 B, 466 C, 468 D, 471 B, 504 D, 520 D; *Eutífron*, 296 B; *República*, 429 E, 565 A, 573 E, 574 A; *Fedro*, 273 B, 278 E; *Teeteto*, 151 C, 155 B; *Sofista*, 260 A; *Político*, 303 E; *Carta VIII*, 356 B; *Leis*, 697 C, 914 D, 915 A, 944 C, 958 C.

⁹ Por exemplo: *Protágoras*, 331 C; *Crátilo*, 393 D, 407 B, 414 B, 432 A; *Fédon*, 95 E; *República*, 360 E, 567 C; *Parmênides*, 131 D, 158 C; *Teeteto*, 155 A; *Político*, 262 B, 268 D; *Timeu*, 34 A, 35 B; *Leis*, 847 C, 946 A.

¹⁰ Cf. KRÄMER, H., op. cit., p. 37. Esse terceiro sentido é típico dos diálogos tardios, como se vê, por exemplo, em *Sofista*, 264 E; *Político*, 258 C, 262 D, 263 C, 268 C, 280 D, 281 D. O verbo *aphairéo* ocorre 109 vezes na obra de Platão, em 94 frases e em 56 formas diferentes. Além dessas, há ainda 4 ocorrências de *aphaíresis* e uma de *aphairetós*. Das 109 ocorrências do verbo, 17 estão na *República* e 39 estão em diálogos posteriores à *República*, excetuadas as ocorrências das *Cartas*. Cf. *Lexicon. I. Plato*, edited by Roberto Radice, Milano: Biblia, 2003, pp. 171s.

¹¹ Embora concordando com Krämer sobre um dos pontos cruciais das doutrinas não escritas, que consistia na identificação da Idéia do Bem com o Uno, Enrico Berti discorda da sua interpretação da dialética como “abstração” no interior desse duplo percurso, porque sustenta que “para explicar a dialética da *República*, antes de recorrer às ‘doutrinas não escritas’ é necessário recorrer ao *Parmênides*”. Cf. BERTI, E., *L’idea del bene in relazione alla dialettica*, in *Nuovi studi aristotelici. I. Epistemologia, logica, dialettica*, Brescia: Morcelliana, pp. 417-426, aqui p. 425.

¹² Para os princípios de Platão entendidos como gêneros supremos universalíssimos, cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, III 3, 998 b 17-21; V 3, 1914 b 6 ss.; XI 1, 1059 b 27 ss.; XIII 8, 1084 b 14, 25, 31.

convergentes de captação da totalidade da realidade em termos de elementos primeiros e de gêneros supremos¹³.

A passagem de República, 534 B-D afirma que para definir a Idéia do Bem é preciso separá-la de todas as outras idéias e de todas as outras coisas. Essa afirmação está de acordo com o que se diz em República, 511 B-C, a saber, que no mundo inteligível existe uma hierarquia, pela qual se pode subir até o fundamento de tudo, que transcende a todas as hipóteses, e, uma vez alcançado esse princípio, juntamente com tudo o que dele depende, descer às últimas conclusões, sem utilizar-se dos dados sensíveis, passando de uma idéia para outra até terminar numa idéia. A afirmação também é coerente com República, 532 A, onde se afirma que o dialético, já versado na capacidade de olhar para os seres vivos, para os astros e até para o próprio Sol, sem ajuda dos sentidos e com recurso exclusivo da razão, vai em busca da essência das coisas, e não desiste antes de ter apreendido com a inteligência a essência do Bem, com o que alcança os limites do cognoscível.

Parece suficientemente claro que o percurso dialético, além de atravessar (diaporéuo) toda a realidade, deve subir em direção ao princípio anipotético para, em seguida, descer passando pelas idéias até terminar numa idéia, o que indica que o mundo inteligível é estruturado hierarquicamente, e essa estrutura, descrita de modo alusivo em República, 534 D, é certamente pressuposta para a compreensão do procedimento dialético. Portanto, o subtexto do texto é o duplo procedimento dialético, que vai tanto na direção do mais elementar como na do mais universal. Embora o texto afirme que existe uma passagem das Idéias ao Bem, ele não responde pelo modo como essa passagem ocorre. Ademais, o texto pressupõe e sugere também uma superioridade da Idéia do Bem com relação às outras idéias, na medida em que ela é princípio anipotético de tudo, termo último que não tem nenhum gênero acima de si, ao qual não se aplicaria propriamente o modo comum de determinação da essência¹⁴.

4. Uma confirmação do subtexto

O duplo procedimento característico da dialética platônica é confirmado pelas numerosas referências que a ele faz Aristóteles na Metafísica. Leia-mos apenas um, extraído do livro XIII da Metafísica, no qual se afirma que

¹³ Uma exposição sobre esses dois procedimentos encontra-se em: KRÄMER, H., *Platone e i fondamenti della metafisica. Saggio sulla teoria dei principi e sulle dottrine non scritte di Platone*. Introd. e trad. di G. Reale, Milano: Vita e Pensiero, 1982 (2001⁶), pp. 160-162. Ver também: REALE, G., *Para uma nova interpretação de Platão*, op. cit., pp. 189-193.

¹⁴ Cf. KRÄMER, H. *Dialettica e definizione del Bene in Platone*, op. cit., p. 41. Convém relembrar ainda como subtexto do texto as passagens de Rep., 508 E, na qual a Idéia do

os Acadêmicos compreendiam de dois modos o Uno como princípio. Escreve Aristóteles:

Eles consideram o Uno como princípio nesses dois sentidos... no primeiro sentido o Uno seria forma e substância, enquanto no segundo sentido o Uno seria elemento e matéria... eles partiram, ao mesmo tempo, de considerações matemáticas e de considerações sobre o universal. Portanto, com base nas primeiras eles puseram o Uno e o princípio como ponto...; ao contrário, com base nas suas pesquisas sobre o universal afirmaram que o Uno, que é predicado universal, é parte dos números também nesse sentido¹⁵.

Em poucas palavras, Aristóteles diz que para os Acadêmicos, o Uno seria, por um lado, princípio (*archê*) e universal (*kathólou*), que se alcançava pelo procedimento generalizante, e, por outro lado, em decorrência de considerações matemáticas, ele seria elemento (*stoicheion*) a partir do qual a realidade se constituía e no qual poderia ser reduzida.

5. A definição do Bem e as doutrinas não escritas

Além do texto acima citado, que, entre outras coisas, confirma o duplo procedimento da dialética platônica, a *Metafísica* de Aristóteles está repleta de referências à questão da passagem dialética das Idéias ao Bem¹⁶. Essa questão é apenas sugerida na *República*, além do texto de 534 B-D, também em 511 B, quando se diz que o princípio anipotético é alcançado juntamente com tudo o que dele depende. Segundo Krämer, a questão da passagem das Idéias ao Bem, sugerida na relação do princípio anipotético com tudo o que dele depende, reaparece nos diálogos dialéticos sob a questão dos gêneros supremos de repouso e movimento, identidade e diferença, semelhança e dessemelhança. Entretanto, como a passagem dos gêneros supremos ao princípio anipotético não se encontra totalmente explicitada nem nos diálogos tardios, é possível hipotizar que a sua solução, assim como a resposta à questão da definição do Bem, exigida em

Bem é dita “causa do saber e da verdade” (*aitian epistêmes ousan kai aletheías*), e, *Rep.*, 509 B, na qual se afirma que, não sendo uma essência, o Bem está acima e para além da essência (*epêkeina tês ousias*).

¹⁵ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, XIII 8, 1084 b 18 ss.

¹⁶ Talvez o texto mais incisivo seja *Metafísica*, XIII 8, 1084 a 32 ss., no qual se diz que os platônicos remetiam realidades como o movimento, o repouso, o bem e o mal aos princípios; mas também se poderia citar textos de *Metafísica* X e XI, nos quais Aristóteles remete ao seu escrito *Sobre os contrários*, no qual se realizava a redução dos gêneros supremos aos princípios da unidade e da multiplicidade. Segundo Krämer, o *Sobre os contrários*, cujo conteúdo é acessível pelo Comentário à *Metafísica* de Alexandre de Afrodisia, depende dos apontamentos aristotélicos das lições platônicas *Sobre o Bem*. Cf. KRÄMER, H. *Dialettica e definizione del Bene in Platone*, op. cit., p. 42 s.

República, 534 B, deveriam surgir no procedimento de separação ou isolamento da Idéia do Bem dos gêneros supremos¹⁷.

Quanto à definição do bem, é notável que em nenhum momento da República, nem antes nem depois da passagem em questão, ela é dada. Ao contrário, no final do livro VI temos a recusa explícita de Sócrates a responder positivamente a interpelação de Glauco para fazer uma exposição sobre o Bem, remetendo para outra ocasião a questão de saber o que é o Bem em si e limitando-se a expor o que lhe parecia ser o filho do Bem (Rep., 506 D-E).

Ademais, considerando que nos diálogos posteriores à República essa definição também não é dada, e, considerando que nos diálogos dialéticos a questão da passagem dos gêneros supremos à Idéia do Bem tampouco é resolvida, parece razoável dar crédito ao testemunho de Aristóteles que, em diversas passagens da Metafísica, afirma que a questão da definição da essência do Bem, assim como a da passagem das Idéias ao Bem, teria sido efetivamente resolvida por Platão, como coroamento do duplo procedimento da sua dialética, porém não nos seus escritos, mas no seu ensinamento oral. Com efeito, ao tratar da relação entre os princípios e o Bem, no âmbito da crítica aos princípios admitidos pelos platônicos, no livro XIV da Metafísica, Aristóteles escreve:

E entre os que afirmam a existência de substâncias imóveis, alguns dizem que o Um é o Bem-em-si; eles pensavam que a sua essência era, justamente, o Um¹⁸.

A afirmação de Aristóteles pode ser lida como indicadora de como Platão teria respondido à exigência de definição da essência do bem pressuposta em República, 534 B. Se relacionarmos a afirmação de Aristóteles com República, 504 C, onde se acena ao fato de que o Bem é uma medida, que, para ser confiável, deve ser exata, teremos então mais um elemento para estabelecer uma relação plausível com o ensinamento oral de Platão, testemunhado e transmitido pela tradição indireta, particularmente com o que se poderia chamar de metafísica matematizante dos elementos, que, segundo o testemunho do próprio Aristóteles¹⁹, seria uma das características do pensamento platônico no *Peri tagathou*²⁰.

¹⁷ Cf. KRÄMER, H. *Dialettica e definizione del Bene in Platone*, op. cit., p. 42.

¹⁸ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, XIV 4, 1091 b 14-15.

¹⁹ Além do fragmento do Político, citado acima na nota 4, podemos lembrar aqui uma série de textos da Metafísica, quase todos extraídos de contextos academizantes, que testemunham esse substrato de origem platônica: “A essência do Uno consiste em ser um princípio numérico: de fato, a medida primeira é um princípio” (1016 b 17); “O uno é princípio e medida do número” (1021 a 12); “A essência do uno... consiste... sobretudo... em ser medida primeira em cada gênero” (1052 b 15 ss.); “É evidente, portanto, que a essência do Uno, se se a define segundo o preciso sentido da palavra, consiste em certa medida” (1053 b 4 ss.); “A unidade significa uma medida” (1072 a 33); “É evidente, depois, que o uno significa uma medida” (1087 b 33), e, ainda, “O uno significa, de fato, a medida de uma multiplicidade” (1088 a 4).

²⁰ O testemunho mais importante sobre a akróasis platônica é o de ARISTÓXENO, *Harm. Elem.*, p. 30-1 (Meibom), p. 39-40 da Rios. Cf. GAISER, K., *Testimonia Platonica*. Le

6. Conclusão

De acordo com os cânones interpretativos da Escola de Tübingen-Milão, o conjunto de testemunhos da tradição indireta²¹ aponta para um núcleo de ensinamentos platônicos relativos à assim chamada teoria dos Princípios (o Uno e a Díade indeterminada de grande e pequeno); à doutrina dos Números ideais, com seus complexos desdobramentos na redução das Idéias a Números e à doutrina dos entes matemáticos intermediários entre as Idéias e os sensíveis. Não é meu interesse discutir aqui os problemas filosóficos, hermenêuticos e de crítica literária implicados nessa escola de interpretação de Platão.

O interesse dessa breve exposição era apenas mostrar que, na perspectiva de interpretação da Escola de Tübingen-Milão, no texto de República, 534 B-D estão implicadas duas questões que, se remetidas ao ensinamento oral de Platão, ganham uma nova e, talvez, mais consistente compreensão no interior da obra escrita de Platão²². Essas questões são: a da passagem das Idéias ao Bem e a da definição do Bem.

Diante do que foi exposto pode-se concluir o seguinte, como observa Reale: quem sustente que só é “dialético” aquele que sabe definir a essência de cada coisa; quem afirme que quem não sabe dar a definição das coisas não as conhece, e, ao mesmo tempo, afirme que isso vale também para a Idéia do Bem, e, particularmente, quem sustente que aquele que não é capaz de definir a essência do Bem, abstraíndo-a de todas as outras, depois de tê-las percorrido, não conhece o Bem; enfim, quem afirme tudo isso, obviamente só pode fazê-lo se possui aquela definição, ou seja, se conhece a essência do Bem de modo preciso²³. E esse conhecimento se traduzia na afirmação de que o Bem é o Uno, medida perfeitíssima de todas as coisas.

antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone, Introd. G. Reale, trad. V. Cicero, Milano: Vita e Pensiero, 1998, Test. 7, pp. 18s. Sobre o Peri tagathou, ver: GAISER, K., La dottrina non scritta di Platone. Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica, trad. V. Cicero, Milano: Vita e Pensiero, 1994, pp. 73-94. Ver também: BERTI, E. Le dottrine platoniche non scritte “Intorno al Bene” nelle testimonianze di Aristotele, in: AA.VV., Verso una nuova immagine di Platone, ed. por G. Reale, Milano: Vita e Pensiero, 1994, pp. 251-294.

²¹ Sobre o conjunto de testemunhos que constituem a tradição indireta, além do Testimonia platonica de Gaiser, citado na nota anterior, ver também: ARANA MARCOS, J. R., Platón, doctrinas no escritas: Antología. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, s.d.

²² Sobre a relação entre as doutrinas não escritas e os diálogos ver: KRÄMER, H., Platone e i fondamenti della metafisica, op. cit., pp. 179-213.

²³ Cf. REALE, G., Para uma nova interpretação de Platão, op. cit., p. 273.

Os motivos pelos quais Platão, na sua obra escrita, se absteve de dar a definição da essência do Bem foram expostos pelo próprio Platão no chamado excurso filosófico da Carta VII (340 B–345 C), e podem ser compreendidos no âmbito da crítica da escrita formulada no Fedro (274 B–278 E)²⁴. Mas isso já seria objeto de outra exposição.

ENDEREÇO DO AUTOR:

R. Gregório Serrão, 419
04106-040 – São Paulo – SP
email: marceloperine@pesquisador.cnpq.br

²⁴ Sobre o Fedro e o excurso da Carta VII como “autotestemunhos” que remetem às doutrinas não escritas, ver: REALE, G., Para uma nova interpretação de Platão, op. cit., pp. 54-80; SZLEZÁK, Th. A., Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico, Intr. e trad. de G. Reale, Milano: Vita e Pensiero, 1988, 1989², espec. pp. 53-100, 472-488; KRÄMER, H., Platone e i fondamenti della metafisica, op. cit., pp. 97-107.